

Relato de Campo – Visita ao assentamento rural “Vale do Lirio”, município de São José do Mipibu, região metropolitana de Natal (RN). Quinta-feira, dia 7 de agosto de 2014, das 10:00 às 17:00. Participação e relato, José Guilherme Magnani.

Ao término das atividades da 29 Reunião da ABA, solicitei à Elisete Schwade, professora de Antropologia na UFRN (minha ex-orientanda de doutorado e integrante do NAU) que me indicasse uma ocupação ou assentamento perto de Natal uma vez que eu vinha de uma recente inserção de campo no acampamento Copa do Povo em Itaquera (São Paulo) e tinha intenção de conhecer outras experiências para efeitos de comparação. Indicou-me um assentamento, já consolidado, que vinha estudando há tempo e prontificou-se a levar-me até lá além de apresentar-me a algumas lideranças.

Foi uma ótima maneira de terminar a ABA... Às 10:00, conforme combinado, lá estava ela na porta do Hotel Ponta do Sol e com uma novidade: conseguira uma condução da UFRN para trazer-me de volta, após a visita. Dirigimo-nos à saída da cidade, rumo à BR 101, em direção João Pessoa e demais capitais da orla nordestina e o primeiro município na rota era Parnamirim; uma placa indicando Monte Alegre era o sinal para deixarmos a BR e tomarmos, à direita, a rodovia RN 317. Após algumas tentativas para encontrar a entrada do assentamento, já no município de São José do Mipibú, uns 31 k. de Natal, finalmente divisamos a caixa d'água ostentando nosso destino: “Vale do Lirio”.



Trata-se de um dos primeiros assentamentos rurais do RN, formado a partir da ocupação da Fazenda Novo Horizonte por parte de 130 famílias no dia 17/09/1997 em 1997, com apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São José do Mipibú, o Serviço de Assistência Rural (SAR) e até da Arquidiocese de Natal. A emissão de posse ocorreu um ano mais tarde, em 21/05/1998.

Passando pelo portão da entrada, logo à direita, vê-se um templo da Assembleia de Deus; em frente, estende-se uma larga avenida circundada por casas de alvenaria. Detivemo-nos na frente da residência do sr. Paulo e d. Telúsia. Ele estava na varanda descascando vagens de feijão de corda e chamou a esposa, que tinha sido previamente avisada, no dia anterior, de nossa chegada.

Na troca de cumprimentos apresentei-me como professor da Elisete e “eu estava ali para ver se ela tinha feito direitinho a lição de casa, para então avaliar e dar a nota...” (esse expediente, em tom de brincadeira, sempre surte bom efeito tanto por marcar a posição de professor – e não a pesquisador que, juntamente com as de técnico, assessor, funcionário, suscitam desconfianças – como por estabelecer uma certa hierarquia, professor/aluno, sempre valorizada). A partir daí sou sempre interpelado, com naturalidade, como “professor”.



Fui convidado para almoçar: feijão de corda, legumes, carne de bode, tomate cereja, suco de limão, frutas do pomar. D. Telúsia também almoçou, de pé, rápido, pois tinha compromisso num curso que está fazendo em Natal, de matemática. Mostrou-me a casa, ampliada a partir da planta original que desenhou no meu bloco: toda de alvenaria, ressaltou. Na cozinha, destacava-se a geladeira, tinindo de nova. Seu filho, que acabava de sair do banho sentou-se à mesa, um tanto atrasado para a escola, ele frequenta um estabelecimento particular. Tentei

puxar prosa sobre futebol, mas ele não gosta; diz que até torce pelo Santos mas só por causa do pai. Prefere estudar, assegura sua mãe. D. Telúsia é casada com Paulo, que já teve várias mulheres e muitos filhos; com ela, aquele rapaz, com 13 anos e uma moça que estuda aquicultura na UFNR.

Às 12:00, voltei para a varanda onde seu Paulo seguia debulhando feijões. Um rapaz surdo, aparentemente com alguma deficiência mental, de uma casa vizinha, estava ali também, cumprimentando efusivamente todos que chegavam. Às 12:30 passou o caminhão de lixo; a toda hora circulavam carros de moradores; dois ônibus escolares estacionaram na pracinha do Centro de Atendimento Médico para apanhar estudantes que frequentam escolas fora, pois não há escolas na comunidade; havia também carretas puxadas a cavalo transportando produtos da roça.

Galinhas ciscavam na varanda e uma cachorra dormia sem se importar com a chegada de pessoas para a prosa: a toda hora aparecia alguém, sempre homens, e no final da tarde contei nove; se achegavam, cumprimentavam e escutavam atentamente os longos e entusiasmados relatos do sr. Paulo, que parecia um patriarca ou chefe tribal, centralizando as atenções e falando sem parar sobre os mais variados temas; logicamente, o destinatário principal era eu, o professor.

Digno de nota era a estratégica posição em que se localizava: da varanda de sua casa, na esquina da avenida principal com a rua Vale do Sol Dourado, observava e controlava todo o movimento, cumprimentando os passantes, fazendo um gracejo, uma pergunta. Claro que não foi possível saber se este é um comportamento padrão, pois foi uma só tarde de observação, mas pelo rumo da conversa deu para sacar que ele é uma importante liderança, aliás foi diretor da associação de 1987 a 2000.

Entre outros temas, falou de um rapaz que levou tiro à queima roupa, num assalto, filho do sr. Cosme, seu vizinho; relatou casos em que a polícia adentrou o assentamento perseguindo bandidos: por isso é que é preciso refazer o portão, de entrada, senão qualquer um entra. Quando era diretor, impôs assembleia às 14:00 no sábado; depois, a pedidos, mudou para as 17:00 na quinta. Contou de suas andanças por São Paulo (1968), Paraná, Amazonas, Pará e sua participação em várias ocupações.

Num dado momento, sol a pino, passou pela rua uma moradora, natural do Rio, a “carioca”, e ele brincou: – “O que é melhor: chuva ou sol”?



Do posto de observação, a varanda do sr. Paulo

Em certa altura pedi licença e dei uma caminhada para ver as casas e tirar umas fotos. São casas grandes, todas de alvenaria, muitas delas cercadas por imensos muros. Há três igrejas, uma Assembleia de Deus logo na entrada à direita; no lado oposto, um pouco mais afastada, a Igreja Adventista e, no centro, a igreja católica: das três, é a mais simplesinha.



O campo de futebol fica ao lado da Igreja Adventista. Há também um posto de saúde; o sr. Cosme, um dos vizinhos na prosa da varanda, mais tarde fez questão de me corrigir, trata-se de um centro de atendimento médico, pois se falar que é “posto de saúde” logo a prefeitura toma posse... Um vereador é que financiou a construção, com recursos próprios (gastou de 15 a 20 mil reais) depois de o médico que atendia no recinto da igreja ter sido expulso pelo padre, por distribuir pílula anticoncepcional...

Os lotes no perímetro residencial são relativamente grandes, medem 40 m. por 20. A avenida principal (que leva o nome de um ex-presidente, Manuel Faria) tem 20 metros de largura e é dividida ao meio por uma sucessão de mudas de palmeira plantadas numa espécie de vaso feito de manilhas de canalização cortadas transversamente: no total, 16 vasos. De novo, chamaram-me a atenção os imensos muros cercando as casas.



Pretende-se construir, com máquinas e material doados pela prefeitura, um canteiro central e implantar o fluxo de mão/contramão; as ruas paralelas, começando pela mais próxima da entrada são: 1º de Maio, depois XV de Maio, Vale do Solo Dourado e, finalmente, 21 de Maio. O assentamento dispõe de água encanada e energia. Dos dois lados desse núcleo é possível ver as plantações cujo acesso, contudo, se dá por uma estrada no fim da rua 1º de Maio. A área total é de 358 ha. e a quantidade de casas é 62, na maior parte no centrinho do assentamento.



De volta ao “posto de observação”, a conversa prosseguiu e o tema do portão retornou, por necessidade de segurança: é motivo também de reivindicação junto a autoridades do município. Daí se passou para a saga do aterramento de um barranco na beira da rodovia que passa em frente ao assentamento para construção de uma parada de ônibus. Motivo de uma longa narrativa, tinha como protagonista o tenente Milanez, do quartel militar sediado na rodovia 101, quem cedeu patrolas para o deslocamento de terra: foram 600 caçambas, assegurou o sr. Cosme. Por fim a prefeitura emprestou técnicos e conseguiram resolver o problema, mas o tenente é sempre lembrado como o que atendeu de imediato ao pedido.



Segundo o sr. Paulo, quem muito ajudou o assentamento foi o prof. Paulo Palhano da Universidade Federal de João Pessoa. Atualmente, do total de lotes,

há 29 arrendados, mas que não produzem, assim como os lotes de “mulheres sem marido”, que tem muita “cobertura”, por causa da lei Maria da Penha, mas também não apresentam produção. E logo emendou com o Datena - “safado tem em todo lugar”... E por aí foi: por causa da quebra de preços, às vezes nem compensava tirar o produto da roça: a “mão” de milho estava a 3 reais; o quilo do feijão num dia estava a, 1,80, depois 1,20 chegando até 0,80... – “Na verdade a melhoria começou com Fernando Henrique, com o real, é preciso reconhecer, ainda que eu seja do PT”. Aliás, foi em seu mandato que ocorreu a desapropriação deste terreno.

Foi a empresa agro exportadora Caliman S.A. que financiou a implantação do cultivo de mamão e nessa época o Vale do Lório foi considerado o segundo melhor assentamento do Brasil, sempre segundo o sr. Paulo. Foi também a primeira área a ser desapropriada em região de cana, perigosa, cheia de capangas... Outro relato foi sobre o enfrentamento com dois rapazes que tomavam banho dentro da caixa d’água. Ele até lá para acabar com a bagunça, armado com uma foice... Num dos raros momentos em que outra pessoa conseguiu falar, o sr. Cosme fez uma comparação com outros assentamentos, em Paulo Marins: bem melhor, com entrada fechada, ruas calçadas, quadra de esporte...

Toda essa falação era escutada com atenção pelos presentes enquanto aguardavam a chegada de um vereador do município de S. José de Mipibu, o sargento Dudu, do PT (eleito com 411 votos, está em seu primeiro mandato), marcada para as 15:00. O objetivo era negociar a vinda de uma patrula afim de recapear as ruas do núcleo do assentamento. De novo, outra rodada de falação, não sei se para me impressionar ou ao vereador... De acordo com o sr. Cosme, o sr. Paulo deveria voltar a ser eleito presidente da associação: ele tem *sensação*, querendo dizer tino para política ou também gosto, desejo, como quando se aprecia uma mulher bonita.... Para ser presidente ou diretor, é preciso “andar descalço, com foice ou enxada na mão, empurrando carrinho.”

Só ali pelas 16:00 é que rolou o acerto mais “técnico”, se iam usar “piçarra” ou “metralha”, materiais de revestimento de diferentes consistência, um mais seco, outro misturado com barro e em seguida a visita pelas plantações. O trajeto que fizemos – eu, sr. Paulo e sr. Cosme, no carro do vereador, permitiu ver os principais cultivos: macaxeira, mandioca branca (para fazer farinha), feijão, milho, abacaxi, jerimum (abóbora).



Grandes áreas, que inicialmente haviam sido destinadas ao plantio de mamoeiros, estavam desativadas em virtude de baixa procura pelo mercado e agora reaproveitadas para outros cultivos, pois permanece o antigo sistema de irrigação.



As lideranças estão reivindicando cessão de máquinas de terraplenagem da prefeitura para melhorar as vias de acesso a essas áreas, por isso a conversa com o vereador, pois parece que as relações com o atual prefeito não são das melhores. O vereador prometeu as máquinas para a próxima terça feira.



O sr. Cosme e o vereador

Considerações finais

O objetivo desta incursão a campo, aproveitando a estada em Natal por ocasião da 29 reunião da ABA, era conhecer uma experiência já consolidada de ocupação que se transformou em assentamento rural, portanto segundo o padrão “aldeia”, da trilogia acampamento/ aldeia/ cidade. Tendo em vista a experiência recente no acampamento “Copa do Povo”, nas imediações do Estádio do Corinthians, bairro Itaquera, zona leste de São Paulo, a comparação seria bem-vinda. Lá, uma ocupação em espaço urbano, com 5 mil pessoas, em barracos de lona, onde a regra é o caráter provisório; aqui, passados 17 anos desde a ocupação, chamam a atenção o aspecto sólido das edificações e a implantação permanente do traçado, das casas, das plantações.

Áreas cultivadas e criação de animais constituem um dos diferenciais entre uma ocupação provisória (acampamento) e uma permanente (aldeia/assentamento), pois estabelecem temporalidades ditadas pela sucessão: preparo da terra / plantio / germinação / colheita / distribuição. A criação de animais também impõe sua própria temporalidade. A identificação e descrição dos elementos estruturais mínimos que definem cada forma da trilogia vão depender da variedade de casos concretos que possam ser observados.